CARTA DE CONJUNTURA DO AGRO

ANDRÉ DIZ[1], FELIPPE SERIGATI[2], ROBERTA POSSAMAI[3]

A CARTA de Conjuntura do Agro é uma iniciativa do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro) e tem como objetivo analisar o desempenho produtivo do setor agro (agropecuária e agroindústria) e apontar as expectativas para 2023. Entre as principais mensagens, tem-se os seguintes destaques:

- Soja – recorde na produção e na exportação; devido à situação da Argentina, há oportunidades para o Brasil também nas exportações de óleo de soja.
- Milho – boas perspectivas, inclusive nas condições climáticas, porém o cenário está condicionado ao Brasil conseguir realizar o plantio reduzindo o atraso já observado.
- Trigo – perspectivas favoráveis, com destaque para a produção no Cerrado brasileiro.
- Café – situação melhor do que nas duas safras anteriores, mas, como ainda há cafezais que não se recuperaram plenamente das secas e das geadas observadas anteriormente, o Brasil ainda não terá uma safra recorde.
- Cana-de-açúcar – produção será maior do que na safra anterior, porém não será recorde; contudo, os preços recebidos operam com cenários bem favoráveis, tanto para o açúcar, como para o etanol.
- Pecuária – apesar das turbulências devido ao embargo da China para as carnes brasileiras, esse choque se mostrou temporário e o Brasil deve prosseguir aumentando a oferta de carne, seja no mercado interno, seja para o setor externo.
- Agroindústria – deve desacelerar ao longo deste ano, devido, principalmente, à conjuntura doméstica, entretanto deve ser o ramo da indústria brasileira que registrará o maior crescimento (talvez seja o único).

SOJA: RECORDE NA PRODUÇÃO E NA EXPORTAÇÃO

A produção de soja alcançará 151,4 milhões de toneladas na safra 2022/23, segundo o 6º levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o que corresponde a 25,9 milhões de toneladas a mais do que na safra passada (+20,6%). Mesmo com as perdas registradas no Rio Grande do Sul, a produtividade média no restante do País (sobretudo no Centro-Oeste) mais do que compensará a queda no estado gaúcho. Entretanto, o excesso de chuvas, além de ter atrasado a colheita, poderá comprometer a qualidade dos grãos nas regiões mais afetadas.

Para as exportações, o cenário é bastante positivo. A produção americana sofreu com ondas de calor e seca, e as safras argentina e paraguaia também foram reduzidas pela seca. Considerando esse contexto, de acordo com a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE), é esperada uma exportação recorde de 92,0 milhões de toneladas de soja em grão, 20,0 milhões de toneladas de farelo de soja e 1,8 milhão de toneladas de óleo (bruto e refinado).

Nesse sentido, vale destacar que, devido à quebra de safra da Argentina e aos seus contratos já firmados de exportação de óleo de soja, esse país terá, possivelmente, de importar o grão do Brasil para, então, poder fazer o esmagamento e produzir o óleo. Além disso, pode ser que uma parte da demanda mundial de óleo argentino migre para a economia brasileira nessa safra. Ou seja, o momento é favorável tanto para a exportação de soja em grão, como para a de óleo de soja.

MILHO: RECORDE NA PRODUÇÃO E LIDERANÇA MUNDIAL NAS EXPORTAÇÕES

Na safra 2022/23, de acordo com a Conab, o Brasil deverá produzir 124,7 milhões de toneladas de milho, um incremento de 10,2% frente ao ciclo anterior, que já foi o maior de toda a série histórica. Ou seja, novamente, a produção brasileira de milho ultrapassará o seu recorde. Para isso, há a expectativa de uma segunda safra de milho bem positiva, que deverá acontecer em um período de clima mais favorável (com clima neutro ou início do El Niño), sem excesso de chuvas na maior parte do País e, até o momento, sem forte escassez hídrica.

Contudo, é importante ressaltar que há um risco de atrasar o plantio da segunda safra, uma vez que, por conta do excesso de chuvas que vem ocorrendo no Brasil, a colheita de verão está atrasada. Apesar de o cenário não ser crítico até o momento, uma vez que ainda há tempo suficiente para a semeadura da segunda safra de milho (deve ocorrer até março no Centro-Oeste e no Sudeste e até julho nas demais regiões), seria importante que os produtores conseguissem uma janela de redução de chuvas para realizar o plantio, pois isso pode aumentar a probabilidade de haver uma boa segunda safra de milho (e, também, de feijão).

Por fim, vale destacar que, de acordo com a Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês), o Brasil deverá ultrapassar os Estados Unidos, na safra 2022/23, e

assumir a liderança mundial em volume de exportação de milho, totalizando 50,0 milhões de toneladas – o que representa uma quantidade 6,4% maior do que a estimativa de exportação do grão americano para esse ciclo e um aumento de 3,1% frente às exportações brasileiras da safra anterior.

TRIGO: CAMINHANDO PARA A AUTOSSUFICIÊNCIA

Com o conflito bélico entre a Rússia e a Ucrânia e a quebra de safra na Argentina, as cotações do trigo aumentaram significativamente – o preço da tonelada do trigo aumentou 10,7% entre 2021 e 2022, de acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Cepea/Esalq/USP) –, uma vez que a oferta mundial ficou mais restrita ao mesmo tempo em que a demanda pelo cereal continuou aquecida. Consequentemente, os produtores brasileiros aumentaram a área plantada com essa cultura, a qual teve boa produtividade.

Com isso, o Brasil produziu a maior safra de trigo de toda a sua história, alcançando 10,5 milhões de toneladas e representando uma expansão de 37,4% frente à safra anterior, segundo a Conab. Vale ressaltar que a safra foi tão positiva que, com isso, o Brasil conseguiu alcançar uma exportação recorde desse produto, vendendo externamente um pouco mais de 3 milhões de toneladas, de acordo com o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA).

Para a safra 2022/23, as perspectivas para a produção de trigo também são positivas, uma vez que as projeções da Conab indicam manutenção da produtividade e da área cultivada em um patamar similar ao observado no ciclo anterior, sendo que ambas bateram recorde. Além disso, é importante destacar que as elevadas produtividades de trigo que vêm ocorrendo nas produções do Cerrado, devido ao cultivo em dois sistemas (trigo irrigado e trigo de safrinha), podem ajudar a tornar o Brasil autossuficiente em um futuro próximo.

CAFÉ: PRODUÇÃO RECORDE MESMO EM UM ANO DE BIENALIDADE NEGATIVA

O café é uma cultura permanente, e a sua produção tem uma produtividade bianual, na qual há alternância entre um ano de bienalidade positiva (anos pares, tal qual 2022) e um ano de bienalidade negativa (anos ímpares, como 2021 e 2023).

Diante disso, a produção cafeeira do País alcançou um volume de 50,9 milhões de sacas de café beneficiado em 2022, correspondendo a uma alta de 6,7% frente à safra 2021, de acordo com a Conab. Porém, como foi já foi visto, 2022 foi um ano de bienalidade positiva e, em comparação a 2020 (outro ano com as mesmas condições), a produção sofreu uma retração de 19,3%. A safra 2022 foi prejudicada pelas condições climáticas adversas, tais como secas e geadas nas principais regiões produtoras do País.

Para a safra 2023, no entanto, o cenário é um pouco mais favorável. Apesar disso, vale ressaltar que os cafezais ainda não estão totalmente recuperados dos estragos causados pelas fortes secas e geadas dos últimos dois anos, além de a produção de café estar sofrendo bastante com as turbulências do mercado internacional. Mesmo com esse cenário e o fato de 2023 ser um ano caracterizado pela bienalidade negativa, a Conab estima uma produção de 54,9 milhões de sacas de café, o que representa uma alta de 7,9% frente à safra 2022 e de 15,1% em relação à safra 2021.

CANA-DE-AÇÚCAR: SAFRA 2022/23 DEVE SER FAVORECIDA PELO CLIMA MAIS ADEQUADO

Para 2022/23, as perspectivas para a produção de cana-de-açúcar são positivas, uma vez que o clima está mais favorável (chovendo bastante, com dias quentes e luminosos) do que no ciclo anterior (o qual foi prejudicado pela estiagem e pelas reduzidas temperaturas, sobretudo em junho e julho de 2021). Porém, é importante destacar que os canaviais ainda não estão totalmente recuperados das secas e das geadas. Logo, apesar de esperar uma produção maior, o crescimento não se dará em uma grande magnitude. Nesse sentido, a Conab projeta uma alta de 3,4% na produção frente à safra 2021/22, devendo totalizar 598,3 milhões de toneladas. De qualquer forma, o Brasil não deverá enfrentar um problema na oferta de cana-de-açúcar.

Vale salientar que a cana-de-açúcar é matéria-prima de, notadamente, açúcar e etanol, que possuem cenários diferentes em relação à demanda, porém ambos favoráveis:

- Açúcar – o mercado internacional deve enfrentar uma quantidade ofertada desse produto abaixo do esperado, uma vez que a Índia, ao atrasar o início da colheita de cana por conta das fortes chuvas que atingiram o seu território, pode fazer com que o produto chegue ao mercado mundial com atraso. Ou seja, nesse contexto, as exportações de açúcar brasileiro, possivelmente, serão favorecidas, uma vez que podem ocupar esse espaço, além de aproveitar o aumento das cotações desse produto por conta da oferta mundial menor.
- Etanol – o Brasil reonerou os combustíveis, entre eles o etanol. Contudo, a reoneração da gasolina deverá ocorrer em uma intensidade maior do que a do etanol, o que deverá elevar a competitividade do etanol frente à gasolina. Ou seja, há um cenário favorável também para a demanda desse produto do agro.

PECUÁRIA DE CORTE: AUMENTO DOS ABATES E REVERSÃO DO CICLO PECUÁRIO EM 2023

De acordo com a Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de cabeças de

bovinos abatidos foi de 29,8 milhões em 2022, o que representou um aumento de 7,5% frente ao ano anterior.

Esse aumento dos abates foi puxado, notadamente, pela expansão de abates de vacas, que, por conta da sua relevância no total (26,9% em 2022) e da sua taxa de variação no período (18,7%), contribuíram com 4,6% do aumento de 7,5% de abates – ou seja, mais de metade da expansão de abates foi devido às vacas. Com isso, a fração de vacas nos abates aumentou de 24,3% para 26,9% no período, estando com uma participação relativa similar à de 2019, que foi o momento que antecedeu o surto de peste suína africana (PSA) na China.

O aumento do número de abates – sobretudo, o de vacas – indica a reversão do ciclo pecuário no País, que teve início já em 2022. Ou seja, o pecuarista está parando de reter fêmeas e aumentando os abates, o que deverá se refletir em uma expansão na quantidade ofertada de carne bovina ao longo deste ano. Além disso, o clima favorável nas principais regiões pecuaristas do Brasil deve melhorar as condições das pastagens nacionais, colaborando para a redução dos custos de produção da pecuária. Com isso, no próximo ano, deve diminuir o preço da arroba do boi no mercado brasileiro, que já começou a operar em patamares inferiores ao observado em 2022.

Apesar disso, no mercado interno, é esperado que a remuneração média dos ocupados perca fôlego ao longo deste ano, o que deve ocasionar uma dificuldade maior para a população brasileira absorver esse tipo de carne, que é mais caro. Logo, o mercado externo pode atuar como uma espécie de válvula de escape para a carne bovina, pelos seguintes motivos:

- Ao mesmo tempo em que a produção de carne bovina tende a ser maior no Brasil, a expectativa é de que o mundo tenha uma oferta menor, na medida em que é esperado que o maior produtor do Planeta, que são os Estados Unidos, reduza a sua produção, uma vez que contará com um rebanho menor, derivado de uma alta taxa de descarte nos anos anteriores e da entrada de animais mais jovens em confinamento devido à seca.
- O mercado externo conta com o processo de reabertura da China após o afrouxamento da política "COVID Zero", que deverá implicar um crescimento econômico maior desse país e, consequentemente, induzir a uma maior demanda de carne. Como os principais ofertantes de carne para o mercado mundial (Estados Unidos, Argentina, Uruguai e Austrália) não estão com capacidade para suprir a demanda adicional de carne chinesa, a carne brasileira pode ocupar essa lacuna.

Diante disso, de acordo com o USDA, a produção de carne bovina do Brasil deverá alcançar 10,56 milhões de toneladas em equivalente carcaça neste ano, correspondendo a um patamar recorde e representando um aumento de 2,0% em relação às estimativas de 2022 (de 10,35 milhões de toneladas). Vale ressaltar, no entanto, que a projeção do USDA ocorreu antes de surgir um caso de encefalopatia espongiforme bovina (EEB) atípica no estado do Pará, o que culminou com o embargo da carne brasileira, sobretudo, por parte dos chineses e que foi suspenso já em março último.

AGROINDÚSTRIA: PRODUÇÃO DEVERÁ CRESCER DE FORMA MODESTA, PORÉM MAIS DO QUE OS OUTROS ELOS INDUSTRIAIS

A partir dos dados do Índice de Produção Agroindustrial (PIMAgro), do FGV Agro, observa-se que a produção agroindustrial acumulou uma expansão de 1,1% em 2022 frente a 2021. Esse crescimento foi puxado, exclusivamente, pelo segmento de produtos alimentícios e bebidas, que expandiu 2,5%. O segmento de produtos não alimentícios, por sua vez, não conseguiu sair do campo negativo, contraindo 0,5% no período.

O melhor desempenho do segmento de produtos alimentícios e bebidas, possivelmente, refletiu o maior aquecimento do mercado interno. Já o segmento de produtos não alimentícios apresentou maiores dificuldades durante o período porque depende mais das condições econômicas externas, que sentiram as consequências da pandemia de COVID-19 e do conflito bélico no Leste Europeu.

Para este ano, é esperada, na melhor das hipóteses, apenas uma leve expansão (entre 0,0% e 1,0%) da agroindústria frente a 2022, uma vez que o bom momento do mercado de trabalho deve perder fôlego e que há a expectativa de um crescimento menor da economia brasileira, incertezas fiscais, inflação ainda elevada e, portanto, a possibilidade de um aumento da taxa básica de juros. Além disso, é esperado um maior desaquecimento da economia global.

Apesar do desempenho modesto para a agroindústria, ela deverá crescer mais do que a indústria geral e do que a indústria de transformação – talvez, a agroindústria seja o único elo industrial com variação positiva em 2023. Entre as razões que podem explicar um desempenho melhor da agroindústria em comparação ao restante da indústria, estão: (i) as exportações de carne estarão favorecidas pelo possível aumento da demanda da China; (ii) o consumo de produtos agroindustriais tende a ser mais inelástico do que o dos demais ramos industriais; e (iii) uma parte da agroindústria brasileira atende a agropecuária do País (com fornecimento de insumos, como fertilizantes, defensivos agrícolas, máquinas, equipamentos etc.), que deverá apresentar um crescimento mais robusto neste ano. ■

1 Pesquisador do FGV Agro – acosta.diz@gmail.com
2 Professor e pesquisador do FGV Agro – felippe.serigati@fgv.br
3 Pesquisadora do FGV Agro – roberta.possamai@fgv.br